

# Notas Rubras

## Portugal na guerra

Está no poder, como todos sabem, um governo saído da facção «democrática.» Este partido também dispõe das maiorias no Congresso. E, pois, quase que certo o vemos Portugal muito brevemente envolvido nessa luta de fêras que com o nome de guerra vem ha um ano disimando uma grande parte da humanidade, visto que esse partido se tem salientado fanaticamente em reclamar que este desditoso torrão envie para os campos da batalha... os outros, os infelizes soldados que foram arrancados dos seus mistêres produtores e nobres e roubados aos carinhos e afectos da familia para darem ingresso nesse antro corruptor denominado—caserna.

Inúmeros figurões que tem interesses ligados á partida duma expedição militar portuguesa para os logares do combate devem exultar de contentamento por verem que está de cima quem deliberará no sentido de lhes satisfazer as torpes ambições...

Mas para que uns riam, outros chorarão!

De nada servirá o ir arengar aos pais, aos irmãos, ás esposas dos soldados que marchem para a guerra, de que os seus filhos, os seus irmãos, os seus maridos, vão defender a «civilização e a liberdade» Chorarão lágrimas de sangue. Bem se fiam eles nessas cantatas!...

Ah! não haver uma força colossal que pudesses impedir a ida para o «matadouro» de mais alguns milhares de homens cheios de vida sem que aproveitem—embora tentem afirmar o contrário—ao bem-estar do povo, donde esses soldados sairiam!...

C. RODRIGUES

# Notas Singelas

## A' inspecção

Vai decidir-se o meu destino. Chegado á idade em que, por uma clausula despótica e arbitrária, a lei me manda obedecer irreflectidamente ás suas determinações, eis-me; pois, em vésperas de comparecer no quartel para sêr submetido á inspecção militar.

Quando penso, intimamente, no sistema imperialista porque se regem as sociedades; quando, no meu cérebro, se produz a congeinação serena, pausada, imparcial das coisas desta vida; quando, enfim, examino á luz clara e aurifugente da Verdade as iniquidades que pezam sobre a grande massa dos que produzem, dos que enfeitam os palacetes burguezes, dos que fornecem ao madamismo ridiculo e pretensamente aristocrático as sedas com que se adorna; dos que, finalmente, numa crusada tortuosa e agrêste são imolados ao capricho autoritário duma legião de safardanas sem honra e sem escrúpulos, pergunto a mim mesmo com que direito e á pretexto de que dever se obriga a mocidade proletária a servir dois anos a dentro da caserna em que se bestialisa o espirito e se transforma o caracter. E posto que me demore longo tempo em profunda e aturada meditação, não encontro razão plausivel, convincente, absoluta que responda irrefutavelmente á minha muda interrogação.

Podem dizer-me que, na qualidade de português, me compete a obrigação moral de servir a pátria onde nasci; podem dizer-me ainda que o tributo de sangue é um compromisso a que todos estamos obrigados e, por conseguinte, a ninguém é licito esquivar-se a cumpri-lo; acrescentar mesmo que a existencia do exercito é uma necessidade inevitavel para defender a nacionalidade duma problemática invasão estrangeira—que eu, insensivel ao sentimentalismo piegas e interesseiro dos patriotes capitalistas, desprezarei a estalada e anacrônica argumentação de quem quer que seja, e ficarei cada vez mais compenetrado do papel aviltante e mesquinho a que a mocidade se presta, acedendo passivamente, brandamente a

comparsas na farça trágico—burlesca da chamada—Independencia Nacional.

Saibamos:—a quem aproveita a independencia nacional? a integridade da pátria? Dizem as crónicas:—ás grandes e pequenas fábricas de armas; ás casas fornecedoras de vestuário, e de géneros para o exercito; ao capitalismo, em geral, pois que, quanto mais forem as transacções financeiras, comerciais, etc., etc., realizadas tanto mais elle verá aumentar os cabedais, extorquidos fraudulentamente ao suor alheio.

Decifra-se assim a organização militarista.

Agora, pergunto eu ás creaturas de honestos intuitos e sentimentos elevados:

Exposta, na sua pureza, a situação dos burguezes e a dos famélicos expoliados, a quem compete defender a integridade da pátria? a independencia nacional? Evidentemente aos interessados. Mas quem são os interessados? Aqui é que bate o ponto, plebeiramente falando. Os interessados são todos os que se locupletam refesteladamente e opiparadamente a consumir o património social, invocando direitos que não tem mas que, todavia, a lei protege e legitima com manifesto prejuizo para a grande parte dos individuos a quem a sorte—é sempre a sorte—ou as condições de nascimento collocou numa esfera socialmente inferior.

Dest'arte está, pois, estabelecida a situação dos que, nada produzindo, tudo possuem, e a dos que, inversamente, tudo produzindo nada tem.

Assim, como pôde haver deveres quando não existem direitos? Porque rasão vou eu, amanhã ou depois, sêr inspecionado á vista de tres ou quatro cavalheiros que, acto contínuo, decidirão o meu destino com a mesma facilidade com que o feirante decide dos seus porcos?

Com que entusiasmo posso eu, que sou simplesmente um operário de balcão, defender aquilo que dizem sêr a minha pátria, se dentro dela nada tenho senão uma cadeia para me prender, caso recalcitre, e um hospital... para esticar o pernil, se não chegar lá já com elle esticado?

Vamos, senhores patriotas! Acabem com a monstruosa desfaçatez que tem sido a vossa virtude; arranquem a máscara da intrujice com que constantemente avelam a tromba, e falem corajosamente a linguagem da verdade, dizendo por exemplo, estas clarividentes e irrefutaveis palavras:—A nós, convem-nos exalçar a idéa da pátria e da integridade nacional, para que a nossa situação de privilegiados não acabe, e assim, melhor possamos manter o nosso predomínio; convem-nos sustentar como uma necessidade, a permanência do exercito e da policia, para nos defender as costas e as propriedades de qualquer insubordinação popular que ameace destruir-nos os capitais; temos ainda a atender aos lucros fabulosos que auferimos com o sustento do militarismo, etc, etc, para cairmos na patética de deixarmos escangalhar a lúra que tanto coelho nos dá.

Se falassem assim, ainda poderiam passar por surripriadores decididos e francos. Mas, procedendo da forma ignobil e hipócrita como procedem, dão aso a que nós, que lhes conhecemos as manhas, os tomemos simplesmente por escrocs enlavados e honradissimos, abusando da inconsciencia popular, que, infelizmente, é ainda enorme.

...Eu vou para o quartel sem saber ainda a sorte que me espera. E' provavel que amanhã tenha que abandonar a minha casa para servir á sombra... ao sol, da negregada bandeira do patriotismo; pôde mesmo succeder que venha e acabar, miseravelmente, em qualquer recanto da Africa, combatendo contra os alemães, enquanto minha familia pôde acabar em qualquer recanto duma ilha combatendo contra a lazeira. Mas isso, não importa. E' preciso defender a patria a nacionalidade!

Isto dá vontade de dizer, como Junqueiro: «...Vamos! Basta de farça e basta de farçantes...»

J. SALGADO.

A duvida é a escola da verdade. LON BACON

# A válvula parlamentar

Falando do pequeno progresso eleitoral do partido socialista e tratando de o animar, o Mundo entendeu que seria lógico ter elle progredido mais rapidamente depois da implantação da República. Porque não succedeu isso? O órgão afonsista responde:

«Não succedeu por várias razões entre as quais nos pareço que avultam três: a guerra primeiro violenta, depois habilidosa, que á organização socialista tem feito o seu natural inimigo, que é o sindicalismo revolucionario; a transigência de alguns socialistas com o sindicalismo ou, pelo menos a falta de energia para extremar campos, condenando os processos que não são realmente socialistas; e a escápia de muralha em que se envolve o partido socialista português querendo isolar-se dos elementos chamados intelectuais.»

O sindicalismo revolucionario tem guerreado, não o socialismo, mas o parlamentarismo e os politicos intrusos que pretendem dirigir a organização operária. Só os que acima do socialismo põem o parlamentarismo, só os politicos é que serão capazes de considerar o sindicalismo revolucionario como seu natural inimigo. Quanto aos verdadeiros socialistas, sobretudo se são operários, tenham embora certas illusões sobre o valor das reformas legais e da acção parlamentar, esses sentem profundamente a comunidade de interesses e de aspirações com os trabalhadores sindicalistas e nunca imitarão os politicos, cometendo a indignidade de «extremar campos com energia» e «condenar processos» de acção operária... só para agradar á burguesia capitalista e governante, natural inimigo do socialismo e do proletariado militante.

Por isso, para que o partido socialista progrida rapidamente no sentido desejado pelo diário afonsista, é necessário com efeito abater a tal «espécie de muralha» para dar ampla passagem aos que o Mundo chama «intelectuais» e que nós traduziremos por politicos, trazendo e conservando da burguesia os sentimentos, e preconceitos, ignorando as necessidades, sentimentos e modos de acção da classe trabalhadora, não podendo sentir com ella verdadeira e firme solidariedade, servindo-se deli como dum instrumento, prezando acima de tudo o parlamentarismo, considerando o socialismo apenas como acção eleitoral e parlamentar, vendo tudo o mais como um embaraço comprometedor.

Já agora, a cada passo, as gazetas nos falam de tal ou tal politico malgrado ou despeitado, que projecta «lançar as bases dum grande—dum grande—partido socialista! Se este então progredir sob o ponto de vista politiquero, em breve se verá cheio d'esses aventureiros e ambiciosos, com exclusivas preocupações politico-parlamentares, e será como outro qualquer partido politico do Estado, tendo para o regime burguez uma função útil—a de válvula de segurança. E' o que pede o Mundo:

«Ha elementos que julgam que o mesmo partido (o partido afonsista) não satisfaz, mesmo em relação á hora presente, as reivindicações de carácter social? Dêem força ao partido socialista, para que elle possa exercer uma decisiva acção parlamentar»

Parlamentar—e nada mais...

# Coisas historicas

31-1913—Sob o rainado de Afonso Costa, é apreendido, em Lisboa, O Sindicalista.

22-1890—Publica-se em Livorno (Itália) o primeiro número dum semanario anarquista com o titulo, Sempre Avante.

23-1913—Afonso Costa, pela mão do ministro do interior, ordena a dissolução da Casa Sindical.

24-1914—Em França, os «supras» do correio, sendo chamados para substituir os grevistas, recusam-se terminantemente a aderir ao movimento.

25-1896—Sai na Pensilvania o primeiro número de A Tribuna Liore, «publicação eventual anarquista».

26-1905—A tripulação do Kiaz-Potemkin, que se encontrava em Odessa (Rússia) revolta-se contra as ordens attribuídas do comandante.

27-1869—Nasce em Kovno, Ema Goldman, distinta escritora e oradora libertaria.

Os homens só adoram o que conhecem mal. GUIA

# Ena, pai, quanto guerreiro!

Dizem as gazetas que em Lisboa se fez uma monstruosa manifestação aos Aliados, de apoio á intervenção de Portugal na guerra.

Os muitos milhares que se manifestaram pediram assim a gritos uma espingarda e uma mochila; e, sendo, como se diz, tam numerosos, chegarão de sobra para formar o corpo expedicionario, dispensando daquela estopada respeitável os grandessimos poltrões que não sentam entusiasmo algum pela latinidade anglo-franco russa.

Bastarão, pois, os voluntarios, irão somente os que quiserem ir. Em nome da Liberdade, agora tam invocada, muito folgamos com o

# Notas de perto

XI  
Meu Caro C.

Para satisfação dos seus desígnios, sabes bem de quantos meios se servem todos os que são senhores do mundo e que da miseria dos outros vivem.

Pois por mais efeitos que nós estejamos a sofrer e a ouvir relatar o que os outros sofrem, por mais que não nos surpreenda toda a soma de baixezas sem nome de que financeiros e politicos se serviram e internacionalmente se servem para engrossar os seus capitais, casos chegam por vezes ao nosso conhecimento que reaceamos dar-lhes credito, tal a falta de escrúpulos e a hediondês sem nome que eles nos revelam.

Ainda sobre o caso do afundamento da Lusitania por um submarino alemão lemos ha já quase um mes umas acusações no New York's Call que esperavamos ver desmentidas pela alta finança, mas que, pelo contrario, fazem sobre o caso o mais sepulcral silencio.

Assim, lê e medita nélas: «Com o recente afundamento do Lusitania as mais sensacionais noticias dessa horrivel catástrofe permanecem sem dúvida profundamente enterradas no lódo e nos proventos da Wall Street, em New York».

«Raras vezes um tão grande mistério envolve um acontecimento como agora o do Lusitania. Ao Call foi dado ontem conhecer factos até aqui não divulgados».

«Foram feitas fortunas na Wall Street com o afundamento do grande navio—e as bases dessas fortunas foram depositadas antes do navio ser afundado».

«Já ontem havia personagens que sabiam que o Lusitania não chegaria a Liverpool—Será afundado», afirmavam.

«Outro facto que pôde parecer apenas uma coincidência, é quase uma falta de habilidade. A Canard Line é popularmente chamada uma Companhia inglesa. Os seus navios desfaldam o Jack da Union mas a Canard Line não é toda inglesa. Uma grande parte da sua direcção é desempenhada pela casa Morgan, segundo informações seguras do Call. Quando o velho J. P. Morgan vivia tinha permanentemente um logar no Lusitania, sujeito a ordens suas e a um simples aviso seu de momento. Se decidisse ir á Europa meia hora antes da partida do navio o seu logar lá estava».

«Estas condições passaram para o filho quando o velho Morgan morreu. Disse-se que ele nunca fez a travessia do Atlantico se não no Lusitania. Era o seu navio favorito».

«Mas quando a ultima vez J. P. Morgan foi á Europa não viajou no Lusitania, foi no mais vulgar e menos suntuoso St. Paul. E antes do Lusitania ser afundado

facto. Aos que não aceitam a guerra, por qualquer motivo, bem basta que tenham de pagar, em trabalho ou em dinheiro, o aumento de impostos, acarretado pelas despesas que ella ocasiona. Que, em boa justiça, essas despesas deviam ser pagas só pelos guerristas: teria aqui inteiro cabimento o argumento fundamental que justificou a separação da Igreja do Estado. Mais cabimento ainda, pois estamos em crer que os antigueristas hão-de ser mais do que os anti-clericaes.

Pena foi que, na própria manifestação, se não abrisse a inscrição de voluntarios: os guerristas que lá iam são certamente guerreiros também e decerto não fariam como á hora do peditório, os espectadores que cercam os salimbancos da rua...

já se sabia que o Morgan não voltaria no Lusitania mas no St. Louis.

«Ha, por exemplo, o facto de que as primeiras noticias do Lusitania chegaram a Wall Street, ás 8, 30 de sexta-feira, pelo telefone de Newark, N. J. Ninguém soube quem estava do outro lado do telefone, em Newark mas ha muito quem saiba que muito antes das noticias directas pelo cabo aqui chegarem, já varias noticias aqui tinham chegado enviadas de Newark. Isto é inexplicavel. A certeza chegou ás 13 e das 8 ás 13 vai um periodo de 5 horas. Cinco interessantes e proveitosas horas para o pequeno grupo de Wall Street».

«E a historia não finda aqui. A Casa Morgan é o agente fiscal do Governo Inglês. Mediante a Morgan os Ingleses compram as munições para o seu pais».

«As perguntas que sugerem, são:

«E' o caso do Lusitania alguma coisa ainda mais viciosa do que um incidente de guerra?»

«Ha qualquer relação entre os Contractos de guerra e a maneira como a imprensa americana está tratando do caso?»

«Qual é a relação que existe entre a Wall Street e toda a situação da guerra?»

«A quanto irão com seus esforços para tirar lucros de qualquer nação que eles possam apertar com suas garras?»

«Como veio o conhecimento anticipado do afundamento do Lusitania?»

«Era este conhecimento mera adivinhação ou definitivo?»

Meu caro, transcrevi apenas algumas passagens que podiam identificar-te de um pouco mais com a qualidade de indispensavel gente que pesa nos destinos dos povos».

Pelas noticias dos jornais tens visto como o afundamento do Lusitania tem servido para acirrar ainda mais o odio entre trabalhadores ignorantes, como em nome da civilização (o sarcasmo) se roubam e maltratam pobres indefeizos cuja única falta é o terem nascido noutra parte da terra».

Que de paciencia sem limite não é necessario estar investido para que possamos, á boa paz, resistir aos embates dos que nos ferem o bicho do ouvido com a necessidade de defendermos a causa dos aliados e intervirmos na carnificina!

Continuemos com a transcrição das Tabelas da W. P. F. A que se que é semelhante á anterior com a diferença de que nesta estão omitidas as despesas com o Correio, Telégrafo, Telefones e Caminhos de Ferro, sob a gerencia do Estado, que no entanto deles tira grossas receitas. Nela estão excluidas a Espanha e o Japão por não estarem avaliadas e publicadas as despesas com o correio, etc.

TABELA V

Países	Gastos Gerais	Costo do Exército e da Armada	Porcentagem para armamentos
Austria-Hungria . . . . .	636.707.000\$	130.557.000\$	20,5
França . . . . .	804.758.000\$	259.349.000\$	32,2
Alemanha . . . . .	487.257.000\$	312.967.000\$	64,2
Inglaterra . . . . .	780.184.000\$	351.044.000\$	45,0
Itália . . . . .	474.251.000\$	125.143.000\$	26,4
Rússia . . . . .	1.112.961.000\$	371.871.000\$	33,4
Estados- Unidos . . . . .	654.554.000\$	244.177.000\$	37,3
Totais . . . . .	4.950.672.000\$	1.795.108.000\$	36,3